

Rio Branco, 25/01./85.

CEDI - P. I. B.
DATA 12, 09, 86
COO KVD 14

Prezado Beto,

Estamos lhe encaminhando o restante de informações que você pediu na sua carta dirigida ao Anselmo em 5.12.84, e que não constam do texto que Roberto já lhe entregou quando de sua passagem por S. Paulo (publicado no jornal "O Rio Branco" de 02/12/84).

### Antecedentes

A decisão para dar esse passo da auto-demarcação não foi tomada de uma vez. Houve vários passos sucessivos. Um deles, não mencionado no artigo em referência, foi a auto-demarcação de um trecho da área, lado esquerdo do rio Purus, que vai do ig. Nazaré ao ig. São Vicente, feita pelos Kulina da aldeia de Maronáua em 1979.

Esta era uma área em conflito. Havia lá o início de instalação de uma fazenda, Fazenda N.S. Aparecida (antigo Seringal Sobral, daí o nome do lugar, Sobral). Inclusive já haviam sido derrubados cerca de 200 hectares de mata e construída uma pista de pouso. Nesta derrubada muitas estradas de seringa foram inutilizadas. Os Kulina e Kaxinauá foram contratados como mão-de-obra para estes trabalhos. A fazenda era de propriedade do Sr. Benedito de Oliveira Filho.

Os Kulina reivindicavam a área como sua pois seus antepassados viviam nela. No centro há vestígios de malocas antigas e cemitérios. Além desses fatores, a questão girava em torno da posse das estradas de seringa e do lago de pesca. O último como fonte de alimentação e as primeiras por ser a borracha praticamente a única fonte de renda da comunidade (na margem direita não existe seringa). A FUNAI, na época, atendendo interesses da fazenda, havia proposto que na margem esquerda a área iria somente até o igarapé Anamá, enquanto os Kulina reivindicavam que ela deveria ir até bem mais abaixo até o igarapé S. Vicente. Por causa dessas divergências, Os Kulina resolveram em 1979 se adiantar no processo e realizaram a auto-demarcação da margem esquerda de acordo com os seus interesses. Em 1980, houve, então, a expulsão definitiva de todos os moradores da área, inclusive o gerente da fazenda. Mais tarde, em 1982, a nova delimitação proposta pela FUNAI incluiu a margem esquerda conforme a demarcação feita pelos Kulina.

Em 1979, os Kulina de Santo Amaro enfrentaram o mesmo problema com o fazendeiro Motta, da Fazenda Aracaju, 3 horas de motor abaixo da aldeia. A divergência girava em torno das estradas de seringa que eles utilizavam enquanto o fazendeiro exigia aquela área para si. O fazendeiro dizia que sua terra ia até o lago Sta. Júlia, enquanto os Kulina reivindicavam o limite de sua área até o igarapé Prainha, incluindo portanto as estradas de seringa e o lago. Por isto, também aqui os índios se adiantaram e iniciaram a auto-demarcação seguindo o igarapé Prainha até atingir as estradas de seringa. Ao mesmo tempo, os Kulina expulsaram todos os seringueiros que ocupavam colocações naquele "centro". Aqui neste caso também a ação dos índios foi determinante para que a nova delimitação da FUNAI realizada em 1982 tivesse sido feita de acordo com seus interesses.

Todo este processo foi articulado em uma série de reuniões realizadas nas diversas aldeias do alto Purus, envolvendo Kaxinauá e Kulina, e, numa oportunidade, os brancos ocupantes da área. Desde 1977 estas reuniões vinham sendo realizadas, incentivadas pelos voluntários do CIMI/OPAN/TVC ligados à Pastoral Indigenista da Prelazia do Acre e Purus, cujo bispo é D. Moacir Grechi.

Em 15 de abril de 1979 estiveram reunidos representantes das 3 aldeias do Purus (Maronáua, Fronteira e Santo Amaro), na aldeia de

Santo Amaro, na qual combinaram o seguinte:

1º) unificação das terras - rejeição das propostas da FUNAI (3 áreas pequenas e separadas) e reivindicação de um território único abrangendo as 3 aldeias (duas Kulina e uma Kaxinauá), impedindo a existência de corredores entre as aldeias.

2º) abertura de piques por conta própria pelos Kulina de Maronáua na margem esquerda do Purus para garantir os lagos e as estradas de seringa, sendo os limites o igarapé Nazaré até o igarapé S.Vicente. Os Kulina de Santo Amaro, por sua vez, fariam o pique para garantir o igarapé Prainha.

3º) encaminhamento de mapa e área de demarcação à FUNAI conforme o interesse das comunidades.

4º) combinação de uma reunião com os brancos para esclarecimento das decisões tomadas, de modo que pudessem procurar os seus direitos com tempo (outra terra, indenização, etc.).

### Preparação para o trabalho de demarcação (1984)

O CIMI colaborou financeiramente com parte da despesa de infraestrutura do trabalho do pique, como compra de gasolina, munição, sal, açúcar, ferramentas, óleo de cozinha, tabaco, material que foi entregue às lideranças Kulina e Kaxinauá que por sua vez redistribuíram ao seu pessoal.

### No mato

Numa reunião preparatória em Santo Amaro (julho/84) se decidiu dividir o pessoal em duas turmas, cada uma entrando num extremo da área, sendo que a turma que entraria no igarapé Prainha seria composta pelos Kulina de Santo Amaro e os Kaxinauá das aldeias de Fronteira e Recreio. A turma de Maronáua foi composta só por Kulina dessa aldeia e dos diversos núcleos próximos dela.

Como ocorre frequentemente entre povos diferentes, houve problemas no trabalho prático:

1º) não se tinha uma idéia exata do tempo necessário para completar a demarcação, daí a falta de farinha, munição e gasolina, o que obrigou uma turma a voltar para prover o que faltava. Isto também fez com que nem todos que começaram o trabalho ficassem até o fim.

2º) o mapa que se tinha era pequeno e apresentava poucos detalhes que numa demarcação são importantíssimos (localização exata dos igarapés, pe ex.), o que levou a certos erros, que deverão ser corrigidos e o pique completado no decorrer deste ano.

3º) como havia várias lideranças trabalhando juntas, com interesses por vezes particulares (facções), com língua e costumes diferentes, houve problemas quanto ao ritmo de trabalho e a maneira de organizá-lo, gerando conflitos que, não obstante, foram superados depois de muitas conversas e definição de competências (quem vai trabalhar, e onde), o que permitiu se chegar ao fim em ambiente de festa.

### Avaliação

No final, houve uma avaliação feita na aldeia de Santo Amaro antes que cada um voltasse para a sua aldeia. Houve nessa reunião algo como um solene compromisso mediante o qual os grupos se comprometeram a:

- 1º) terminar o restante do pique (corrigir os erros cometidos nesta oportunidade), no decorrer de 1985.
- 2º) limpeza de todo o pique quando necessário, em ambas as margens.
- 3º) colocação de placas.
- 4º) exigir da FUNAI a regularização urgente dessa demarcação.
- 5º) dar um prazo de 1 (um) ano para a saída dos brancos que vivem na área.
- 6º) continuar sempre defendendo esta área única e indivisa.

#### Papel dos agentes

Os agentes de pastoral indigenista (de OPAN/CIMI/IECLB) que atuam nas aldeias Kulina participaram das reuniões preparatórias, durante os trabalhos e na avaliação final. Nas farinhadas, nos deslocamentos pelo rio, na picada propriamente dita, tiveram como objetivo incentivar e apoiar as decisões tomadas pelos índios. Embora deva-se reconhecer que este papel foi importante, é bom frisar que a condução dos trabalhos esteve sempre a cargo das lideranças Kulina e Kaxinauá e sem a sua firme decisão e o consenso obtido nas comunidades nada teria sido feito.

Eram estes os pontos que julgamos deviam ser acrescentados. Esperamos que ajudem a compor o quadro do que foi mais esta vitória dos povos indígenas do alto Purus.

Um forte abraço,

Rosa, Lori, Walter, Nadir e

Roberto